

OUTROS ORIENTES

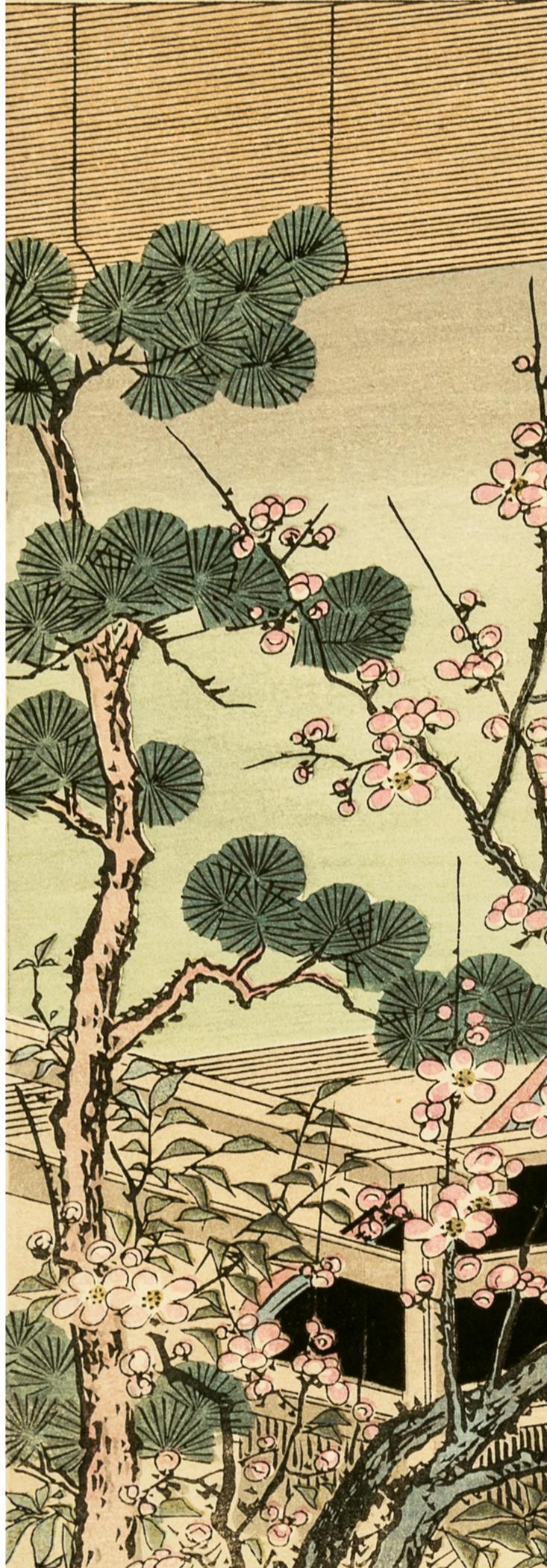
Grupo de Pesquisa

Pesquisador Responsável Rosana Pereira de Freitas

Linha de pesquisa História e Teoria da Arte

Outros Orientes reúne pesquisadores nas áreas de História da Arte, Artes Visuais e áreas afins para discutir, a partir das recentes revisões historiográficas, a produção artística de origem oriental, bem como sua circulação e recepção em diferentes geografias. O grupo atua como um fórum permanente, ao promover a troca de experiências, de conhecimentos e de referências bibliográficas e visuais entre vários pesquisadores, do Brasil e do exterior. A atividade acadêmica do grupo prevê a promoção de eventos, seminários, palestras e a colaboração de seus membros na produção e divulgação de artigos e textos acadêmicos.

contato outrosorientes@gmail.com



Universidade Federal de Pelotas

Reitor Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice Reitor Luiz Centeno do Amaral

Pró reitores

Ensino Maria de Fátima Cossio

Administrativo Ricardo Hartlebem Peter

Gestão da Informação e Comunicação Julio Balzana De Matos

Assistência Estudantil Mário Renato de Azevedo Junior

Extensão e Cultura Francisca Ferreira Michelin

Gestão de Pessoas Sérgio Batista Christino

Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Flávio Fernando de Marco

Planejamento Otávio Peres

Rede de Museus da UFPEL Silvana Bojanoski

Centro de Artes

Diretora Ursula Rosa da Silva

Diretora Adjunta Nadia da Cruz Senna

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

Diretor Lauer Alves Nunes dos Santos

Núcleo administrativo Roberta Trierweiller

Núcleo de reserva técnica e acervo

Joana Lizot, Fábio Alves Gali

Bolsistas e estagiários

Aline Regiane Mota, Amanda Machado Madruga, Ariana Coelho Costa, Carolina Fogaça Tenotti, Carolina Gomes Nogueira, Ellen de Souza Guilherme, Gabriela Cavalheiro Rodighiero, Renan Silva do Espírito Santo

Portaria – Sulport

Fagner da Silva Marques, Luciane Pereira Valente

Higienização – SulClean

Simone Gonçalves

Segurança – Lince

Antônio Carlos da Cunha Lemos, Maurício dos Santos, Natan Borges Soares, Sérgio Alberto Bezerra de Matos

UKIYO-E: Gravura Japonesa na Coleção L. C. Vinholes

Curadoria Rosana Pereira de Freitas

Assistente de Curadoria Renan Silva do Espírito Santo

Expografia Joana Lizot, Renan Silva do Espírito Santo

Montagem

Carolina Fogaça Tenotti, Renan Silva do Espírito Santo

Aline Regiane Mota, Amanda Machado Madruga, Ariana Coelho Costa, Carolina Gomes Nogueira, Ellen de Souza Guilherme, Gabriela Cavalheiro Rodighiero (estagiários)

Design

Amanda Machado Madruga, Renan Silva do Espírito Santo

Fotografia

Daniel Moura

Arquitetura

Jeferson Salaberry, Cintia Essinger

Mestre de Obras

Cristiano Beltrão Souza

Marcenaria

Amilton Rosa de Souza, Alexandre Rochel, Davis Domingues de Freitas, Eno Völz Kiesow

Elétrica e luz

Alexandre da Silva Silveira, Diego Azambuja

Pintura

Giovane Duarte Araújo

Visitação

de 31 outubro a 17 novembro de 2019

Galeria Luciana Renck Reis | MALG

Entrada Gratuita

terça a domingo das 10h às 19h30



SaMALG

APOIO:

PR
EC
Secretaria de
Extensão e Cultura

REDE
DE MUSEUS

UKIYO-E

GRAVURA JAPONESA NA
COLEÇÃO L.C.VINHOLES

PROGRAMAÇÃO MALG 2019

UKIYO-E

GRAVURA JAPONESA NA
COLEÇÃO L.C.VINHOLES

A expressão nipônica “Ukiyo-e”, presente na historiografia artística internacional desde o ápice de sua difusão, no século XIX, traduz-se por “Imagens do Mundo Flutuante”. Apressadamente reduzida à gravura japonesa, especificamente àquela produzida no último século do Período Edo (1603-1868), tais imagens correspondem ao gosto urbano da sede do shogunato Tokugawa, desenvolvido na área que se tornaria a megalópole de Tóquio. A Era Meiji (1868-1912) - marcada pela ocidentalização - testemunha, a um só tempo, o declínio do gênero no Japão e a febre do colecionismo japonista na Europa, onde as estampas multicoloridas produzidas em grandes tiragens operam como álibi estético para os artistas da vanguarda parisiense.

Da Coleção L.C Vinholes, formada por mais de 300 gravuras, para não mencionar os demais objetos artísticos e etnográficos de origem asiática doados ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG/UFPel, selecionamos para a presente exposição, realizada por ocasião do XXXIX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, exemplos que ilustram tal “Mundo Flutuante”, associados à geografia das áreas de diversão, prazeres, escapismo. Dividida em quatro eixos temáticos, a curadoria apresenta um panorama da gravura “Ukiyo-e”, a partir de quatro dos seus principais gêneros: “Meisho-e”, caracterizadas por cenas de locais famosos, ou cartões postais *après la lettre*, que respondiam ao gosto pelo escapismo que os “edokos” - habitantes de Edo - compartilhavam com peregrinos de todo o Japão, do qual “As Cem Vistas do Monte Fuji”, de Hokusai, é o exemplo mais conhecido; “Yakusha-e”, que são gravuras de atores do teatro Kabuki, na pele de personagens famosos, com colorido particularmente marcante associadas geográfica e diretamente aos “bairros de prazer”, onde ficavam situados a maioria dos teatros; “Bijin-ga”, que são imagens de mulheres bonitas ou jovens, muitas vezes “traduzidas” e colecionadas sob o gosto e a denominação ocidental de gueixas, no contexto original simplesmente imagens de mulheres bonitas, beldades que poderiam trabalhar nas casas de chá ou ter outros afazeres; e “Shunga”, imagens eróticas marcadas pela hipertrofia dos órgãos genitais, também intimamente vinculadas à temática do prazer e da fuga.

A divisão proposta, portanto, não é cronológica, mas temática. Pertence ao grupo das “Meisho-e”, por exemplo, a gravura mais recente da exposição: trata-se de uma vista do Parque Ueno, animada por visitantes e pela própria geografia de seu relevo, ao modo da Escola de Yokohama, tão vinculada ao olhar estrangeiro. O Parque de Ueno era, e ainda é, uma das principais áreas de deambulações urbanas e artísticas em Tóquio: lá estão concentrados os museus e galerias nacionais, além dos jardins e do zoológico, capazes de atrair olhares locais e estrangeiros. Yokohama, que por muito tempo foi a(o) principal porta(o) de troca cultural com o exterior, torna-se sinônimo da tendência que cede ao gosto alheio, oferecendo conteúdo, imagens e mesmo mídias inéditas, como a fotografia. Trata-se de uma gravura visivelmente destoante das demais, cuja moldura reforça ainda mais esse aspecto.

A tais peregrinações mundanas acrescentamos outras, pela região de Nikko, ou pelos santuários xintoístas da Prefeitura de Mie. À esquerda temos quatro imagens de uma publicação de lugares sagrados famosos, a primeira delas do santuário xintoísta próximo ao Lago de Magatama, mostrando a dança “Kagura”, apresentada na imagem em local coberto, sob o avarandado denominado hirabutai. A seu lado o santuário xintoísta “Toyouke Daijingu”, conhecido como Geku. Trata-se possivelmente de obra de Shuntei Miyazawa (1873-1914).

À direita, fechando o grupo reunido sob o tema “Meisho-e”, mostramos seis gravuras da série “Doze vistas de locais famosos em Nikko” (日光名勝十二景図), de 1882. Trata-se de um ótimo exemplo para explicar a natureza coletiva da produção das gravuras “Ukiyo-e”: em muitos casos a figura do editor - como a do produtor no caso da indústria cinematográfica - será mais proeminente que aquela do autor da imagem, eventualmente até mesmo omitido. Esse último será contratado pelo editor, que poderá já ter escolhido o tema, definido o tipo de papel e de tinta, além de elencado o restante da equipe, no caso os impressores.

As seis gravuras da Coleção L.C. Vinholes foram impressas apenas dois anos após outro conjunto do mesmo editor, Onihira Kinshiro (鬼平 金四郎), atualmente na coleção do The British Museum, de 1880, atestando o interesse crescente pelo tema. Ambas foram impressas em formato chuban (de 25 a 26 × 17 a 19 cm), e no caso da nossa série, tiveram a participação de Hasegawa Kannosuke (長谷川勘之助) e Matsushima Seikichi (松島政吉), como entalhador. Kannosuke, de quem temos pouca informação, teria se formado com Utagawa Kunisada I (1786–1865), e adotado o nome artístico de Hasegawa Chikuyō (長谷川竹葉).

Vale notar que dentre os quatro eixos propostos, as paisagens famosas “Meisho-e”, entendidas como sub-gênero de “Ukiyo-e”, embora tenham origem bastante remota, configuram o assunto de difusão mais recente: quando as leis suntuárias da época Edo pretendem restringir não apenas as imagens de cortesãs mas de conhecidos atores de Kabuki e outros divertimentos considerados excessivamente pródigos, os impressores passam a estimular tal tendência. Só então o tema da paisagem, que não constituía nenhuma novidade, passaria a ser numericamente mais expressivo.

Uma vez popularizadas, as tais tópicos poderão inclusive funcionar como mote para as “Mitae-e” (“mitate” = seleção, ou paródia; “e” = imagem, ou gravura), como no caso selecionado na exposição para mostrar os subterfúgios aos quais recorria o editor da época da censura relacionada ao “Shunga”, à erótica nipônica. Os temas aqui anunciados, portanto, não são sempre estanques. É possível encontrar atores em paisagens famosas, por exemplo. Ou cenas eróticas em locais famosos. Identificamos na série Flor de Primavera (春の花), uma citação da Estação de Akasaka, em uma releitura erótica da série das 53 Estações da Estrada de Tokaydo, de Utagawa Hiroshige. Como na gravura original - única reprodução na nossa exposição - é possível identificar a pousada, mas a cena do jantar sendo servida pelas atendentes foi ligeiramente alterada. Na nossa paródia, o que temos são mulheres-entretenimento de pousadas preparando-se para a noite. Na varanda, um hóspede saindo do banho, como no original. Na versão do acervo, o hóspede sai do banho em ereção. O explícito erotismo - um dos maiores estudiosos do assunto, Timon Screech, irá se referir ao gênero, sem pudor, como “pornografia” -, talvez se baseie, entretanto, em um haikai de Basho:

“Lua de verão

**Ah! Sair do banho quente
em Akasaka”**

A mente será sempre o órgão mais erótico. Além de outras quatro gravuras da mesma série, Haru no Hana (Flor de Primavera), selecionamos uma gravura de maior formato, onde o erotismo é apenas sugerido. Trata-se de um duo de flauta, de fins do século XIX, mostrando cerejeiras em flor e um casal tocando juntos uma só flauta, a celebrar a primavera. As mãos entrelaçadas apenas anunciam o que está por vir. A imagem é provavelmente a primeira de uma série de Shungas pertencentes à Coleção L.C. Vinholes que devido ao reduzido espaço, optamos por não apresentar.

A presente exposição está longe de esgotar o universo das gravuras doadas ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG/UFPel por L.C. Vinholes. É importante destacar que, sozinha, a coleção permite visualizar, por exemplo, o desenvolvimento das “Yakusha-e”, na genealogia da escola de Utagawa, desde o seu fundador, Utagawa Toyokuni (1769-1825), passando por seus discípulos Utagawa Kunimasa (1773-1810), Utagawa Kunisada (1786-1864), Utagawa Kuniyoshi (1797-1861) até Toyohara Kunichika (1835-1900), que coroa a linhagem, embora não leve seu nome.

Na história da gravura japonesa, obras que se valiam de tons intensos como o preto lacado receberam o nome de urushi-e (urushi = laca; e = imagem, gravura). Apresentamos na mostra uma única peça de sua extensa coleção de lacas, para lembrar tal referência. A ela acrescentamos uma pequena publicação, um mostruário de estampas e marcas Loja Negoro Gofuten, de Quioto, especializada em quimonos e acessórios. Editado por Shonosuke Takeuchi e datado de 1896, o guia, que podia servir à época até mesmo aos nouveaux riches, auxiliando mesmo aqueles que não tinham sobrenome na escolha de emblemas de família, funciona hoje como verdadeiro “Who is who?” a auxiliar-nos na identificação de certos personagens.

Das inúmeras imagens que costumam ser agrupadas sob a denominação de “Ukiyo-e”, a produção gráfica em madeira realizada no Japão do último século do Período Edo (1603 – 1868), ocupa o maior e mais conhecido grupo. Entretanto, as chamadas “pinturas do mundo flutuante”, referem-se a uma tópica específica, a dos bairros de prazer, já existente anteriormente, nas proximidades de Quioto. Nas cenas de gênero dos biombos Momoyana, as paisagens em cenas de excursões ao ar livre, a vida de gente simples, os divertimentos e liberdades oriundas do gosto cortesão aparecem primeiro no contexto da reconstrução daquela região: Gion é o bairro dos teatros, e as “Vistas de Quioto e seus arredores” o antecessor de todas as demais séries de imagens de locais famosos - as “Meisho-e”. A passagem do dia ou do tempo, as estações do ano, a chuva, o sol, as cenas eróticas, com especial interesse por aquelas passadas dos bairros de diversão: atores de Kabuki, casas de chá, são a tônica do gênero, que não se limita, portanto, a uma questão técnica. Inúmeras mídias dariam corpo às inquietações e buscas de tal leveza flutuante. Temas recorrentes como “Bijin-ga”, “Yakusha-e”, “Shunga” e “Meisho-e” guardam, a nosso ver, um ponto em comum: certo escapismo. Fuga dos problemas do cotidiano, da cidade, da vida em família. Rumo aos bairros de prazer, ao campo, às peregrinações.

Rosana Pereira de Freitas | curadora